

Os rumos de um Brasil promissor

Camila Barone e Paula Craveiro

Especialistas em Economia e CEOs de empresas nacionais e multinacionais opinam sobre o cenário econômico e político do País para o novo ano

Países que detinham a soberania no crescimento econômico mundial estão se confrontando com um novo cenário: o mundo multipolar, onde os países do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) são a grande promessa de desenvolvimento.

Os Estados Unidos, por exemplo, apresentam uma difícil e lenta recuperação da crise do *subprime*, desencadeada em 2006. A Europa, mergulhada na pior crise financeira desde a Segunda Guerra Mundial, após os alarmantes sinais emanados pelas economias grega e irlandesa, levará alguns anos para se recuperar totalmente.

Além disso, é provável que depois da Grécia e da Irlanda, outros países europeus passem por crises econômicas sérias. Portugal tende a se apresentar como o próximo país a aceitar um pacote de ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da União Europeia. E, em um panorama um pouco mais agravado, Espanha e Itália, provavelmente, precisarão de pacotes similares. Enquanto isso, a economia chinesa começa a dar sinais de esgotamento em sua fase de megacrescimento, iniciando um período mais moderado.



“Em 2011, a meu ver, a grande incógnita continuará sendo a Europa. No mercado, são poucos os economistas e analistas que têm uma visão tão pessimista como a que vi apresentada recentemente pela área de análise de uma corretora líder no mercado, que insiste em sinalizar sérios problemas na Espanha. A maioria embutiu em suas projeções ‘apenas’ o crescimento lento dos países ricos. Outra peça importante para 2011 é a China: uma pequena desaceleração já foi incorporada às análises, mas longe de apresentar uma grande pisada no freio”, comenta Marcelo Smarrito, sócio da InvestPartner Investimentos.

O Brasil, comparativamente às nações do mundo desenvolvido, se apresenta em uma situação mais favorável do ponto de vista financeiro: o real é uma das moedas mais valorizadas na atualidade e a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), apesar de tender a um leve declínio nos próximos anos, ainda será elevada, se comparada às demais nações.

O País atrairá muitos investimentos no setor de exploração de petróleo e minerais, na agricultura e em infraestrutura – visando preparar-se para eventos como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 –, além de concluir diversas obras relacionadas ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Todos esses investimentos gerarão milhares de empregos em setores como o de construção civil, transporte e hotelaria e,



Alexandre Campbell

"Se o Brasil fosse completamente isolado do resto do mundo, as perspectivas econômicas para 2011 seriam bastante positivas, mas, obviamente, não somos. Os países ricos continuam em uma situação econômica frágil e em um contexto fiscal ainda pior. Não ficarei nem um pouco surpreso se um ou mais países europeus derem o calote em suas dívidas públicas e/ou forem forçados a sair da zona do euro"

Ricardo Amorim
(Ricom Consultoria)

consequentemente, na indústria de materiais de construção e insumos agrícolas.

Apesar desse cenário, o economista Ricardo Amorim não acredita que a expectativa para 2011 seja promissora. “Se o Brasil fosse completamente isolado do resto do mundo, as perspectivas econômicas para 2011 seriam bastante positivas, mas, obviamente, não somos. Os países ricos continuam em uma situação econômica frágil e em um contexto fiscal ainda pior. Não ficarei nem um pouco surpreso se um ou mais países europeus derem o calote em suas dívidas públicas e/ou forem forçados a sair da zona do euro”, afirmou. “Se isso acontecer, a crise ficará mais profunda e

se estenderá às economias europeias que hoje parecem mais sólidas, como a Alemanha. Nesse caso, dificilmente não teremos uma nova crise global, na qual o Brasil certamente também será afetado”, aponta o economista, que também é presidente da Ricom Consultoria.

Em contrapartida, para Enéas César Pestana Neto, CEO do Grupo Pão de Açúcar, as expectativas para o próximo ano são extremamente positivas. “Temos enorme confiança na continuidade da política econômica e no crescimento sustentável do Brasil. Esse prognóstico está baseado em fatos que são determinantes em nosso negócio e para a economia do País, como a redução consistente nas taxas de desemprego e a distribuição de renda real.”

A mesma visão otimista é compartilhada por Wagner Mar, presidente da Audimar Consultoria Empresarial. “Minhas perspectivas em relação à política econômica são otimistas. Creio que o Brasil seguirá com um bom desempenho dos principais fatores econômicos e sociais, provavelmente de maneira menos pujante do que nos anos anteriores. Acredito que o PIB deverá crescer em torno de 4% a 5% nos próximos dois anos, com possibilidades concretas de maior crescimento a partir de 2013, caso a nova presidente não altere significativamente as políticas atualmente vigentes, em particular as metas de inflação, câmbio e política fiscal”, afirma.

"Temos enorme confiança na continuidade da política econômica e no crescimento sustentável do Brasil. Esse prognóstico está baseado em fatos que são determinantes em nosso negócio e para a economia do País, como a redução consistente nas taxas de desemprego e a distribuição de renda real"

Enéas César Pestana Neto
(Grupo Pão de Açúcar)



Guto Marques e Jéssica Alvarez

"Ela [Dilma] enfrentará uma inversão de expectativa. Para lidar com isso, não bastará repetir a política do 'feijão com arroz' nem vir com aquela conversa de Copa do Mundo e Olimpíada. O rumo da prosa terá de envolver matérias substanciais, que deixem a marca da administração voltada para o novo e para o futuro"

Paulo Rabello de Castro
(economista)

"Nesse contexto, o Brasil deve ter um ano positivo. Dentre as projeções coletadas pela InvestPartner, a menor é de crescimento de 4,3% do PIB. O câmbio continuará comportado, a inflação pressionada para cima, mas não superior ao teto da meta, e as famigeradas taxas de juros em alta são outras previsões predominantes. Já o desempenho da balança comercial dependerá fundamentalmente do preço das *commodities*", completa Smarrito.

Governo Lula

Para Linomar Barros Deroldo, diretor-presidente da Concessionária de Rodovias Tebe, nestes oito anos de governo Lula, de modo geral, houve uma melhora significativa principalmente nas áreas econômica e social. "Há de se destacar que tal desenvolvimento fundamentou-se na estruturação do País feita pelo presidente Itamar Franco e, especialmente, pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. Além disso, Lula soube aproveitar o momento desenvolvimentista e de expansão monetária que viveu o mundo até dois anos atrás. As grandes frustrações ficaram por conta dos



Perspectivas políticas e econômicas para 2011

Claudio Salce, CEO da Papyrus Indústria de Papel

"O segmento de celulose e papel, no Brasil, vive o paradoxo de ser o maior e mais competitivo produtor de celulose fibra curta mundial, com pesados investimentos previstos para os próximos anos, e, muito embora seja a matéria-prima principal da fabricação de papéis, não consegue a mesma performance da celulose, sendo afetado pelos custos internos dos demais insumos, os quais são inflados pelas particularidades brasileiras, tais como impostos em cascata, ônus tributários dos investimentos e precariedade da infraestrutura, entre outros. Em resumo, enquanto o mundo, em especial os asiáticos, exporta incentivos, nós temos que embutir nossos impostos nos preços. O segmento de papel conta, também, com a atenção dos governos federal e estaduais, no sentido de equacionar definitivamente dois pontos fundamentais: a desoneração tributária de 17% nos investimentos; e a fiscalização das importações destinadas à impressão de livros e periódicos que gozam de imunidade tributária, uma vez que expressiva quantidade dessas importações são direcionadas para utilização comercial, que deveriam ser tributadas, gerando evasão fiscal e proporcionando concorrência desleal aos produtores nacionais."

Vilson Simon, diretor-presidente da Intervet/Schering-Plough Animal Health

"Em linhas gerais, o modelo econômico deve seguir o mesmo formulado durante o governo Lula, com ajustes para um modelo mais desenvolvimentista. Os fundamentos macroeconômicos estão bem alinhados. O Banco Central, preservando sua autonomia, deverá continuar focado nas metas de inflação por meio da ferramenta da gestão dos juros. Preocupações oriundas do mercado global, como as crises da Irlanda e os efeitos sobre a Europa e a guerra cambial entre China e Estados Unidos, já estão consideradas na pauta. As metas de crescimento do PIB já foram revistas e há uma sinalização muito contundente de controle mais rigoroso nos gastos públicos. Acredito que em 2011 teremos um ano de crescimento do PIB na ordem de 4,5% a 5%, o que é muito bom para o Brasil. O setor do agronegócio seguirá firme apesar das adversidades do efeito cambial sobre a exportação. A meu ver, de modo geral, o cenário é bastante positivo."

Paulo Rabello de Castro, doutor em Economia, conselheiro de empresas e autor de livros como *A Grande Bolha de Wall Street*, Editora Fecomercio/Cultura

"A pauta mais importante do País, se Dilma quiser manter a indústria brasileira viva contra a brutal competição chinesa e asiática, nos remete à aprovação de uma nova estrutura tributária, com menos impostos, mais simples e transparentes na hora de pagar, e mais inteligentes no momento de distribuir receitas fiscais aos entes públicos gastadores da verba pública. Ela tem uma reforma fiscal e política para aprovar em 2011. Tempo curto, que não pode ser desperdiçado com o susto de uma inflação em alta. É hora, portanto, de o Banco Central se antecipar e agir de imediato."

Antônio Delfim Netto, economista, professor da Universidade de São Paulo, ex-deputado federal e ex-ministro da Fazenda, da Agricultura e do Planejamento

"O Brasil é, hoje, o único país com farofa disponível na mesa do mercado internacional. Por isso o dinheiro vem para cá. Não é possível controlar o câmbio com medidas fiscais, como a elevação do Imposto sobre Operações Financeiras [IOF]. O ministro [da Fazenda] Guido Mantega sabe disso. Ele elevou o IOF em legítima defesa, porque a valorização cambial está destruindo um sistema sofisticadíssimo de produção que foi construído ao longo dos anos. Mas, para resolver a situação de forma duradoura, teremos de caminhar para uma taxa de juros real de 2% ou 3%. Isso é fundamental. Quando tivermos essa taxa, não vai mais ser preciso se preocupar com o câmbio."

escândalos não elucidados, desde o 'mensalão' até as últimas denúncias de desvios da Casa Civil. Destaco, ainda, a política externa, com pouquíssimos resultados e muitos constrangimentos", completa.

"Este governo manteve os princípios de uma economia de mercado e permitiu que o setor de seguros continuasse crescendo", avalia José Marcelino Ríden, diretor-presidente da Berkley International do Brasil. "Acredito que o Brasil encontrou seu caminho. Temos instituições que nos permitem confiar no desenvolvimento contínuo de nossa economia e da qualidade de vida. É muito importante termos a visão de que precisamos seguir em um modelo de economia de mercado. Eventuais retrocessos oportunistas podem comprometer todo o avanço conquistado."

Gustavo Henrich, diretor técnico da J. Malucelli Seguradora, acredita que os últimos anos obtiveram resultados positivos para o País. "Entendo que as grandes virtudes do atual governo foram a manutenção austera da política econômica e os investimentos realizados em infraestrutura, principalmente no segundo mandato. A redução do desemprego, o aumento do poder aquisitivo da população brasileira e a crescente oferta de crédito também foram fatores que proporcionaram incremento de vendas de automóveis, residências, planos de saúde, previdência privada, entre outros. Esse comportamento do consumidor refletiu diretamente no mercado."



"A redução do desemprego, o aumento do poder aquisitivo da população brasileira e a crescente oferta de crédito também foram fatores que proporcionaram incremento de vendas de automóveis, residências, planos de saúde, previdência privada, entre outros. Esse comportamento do consumidor refletiu diretamente no mercado"

Gustavo Henrich
(J. Malucelli Seguradora)

Novo governo

Empossada em 1º de janeiro, a presidente Dilma Rousseff governará por quatro anos a sétima maior economia mundial, posto que o Brasil alcançará ainda este ano, segundo a projeção mais recente do Fundo Monetário Internacional (FMI), divulgada no quarto trimestre de 2010. Essa não é a primeira vez que o País chega nessa posição. A última foi em meados dos anos 1990, mas o Brasil só sustentou a posição por dois anos, indo ladeira abaixo a partir de 1996, até baixar ao 12º lugar em 2002. Desde então, a volatilidade do crescimento econômico do País diminuiu. O resultado é que a projeção do FMI indica que o Brasil permanecerá

na sétima posição até, pelo menos, 2015, último ano para o qual há previsões.

De acordo com especialistas, para que o peso econômico do Brasil continue se traduzindo em crescente voz política, Dilma terá de consolidar os avanços alcançados pela política externa de Lula, como a posição de maior destaque nos fóruns globais. Mas precisará, também, lidar com seu legado polêmico, que inclui aproximação com o governo do Irã e críticas a dissidentes cubanos.

Para Ilan Goldfajn, economista-chefe do Itaú Unibanco, "a manutenção da política fiscal expansionista, mesmo após o Brasil ter emergido da crise, e a declaração recente do ministro da Fazenda, Guido Mantega, que disse não haver relação entre controle do gasto público e o nível de juros no País, alimentam esses questionamentos. Uma política fiscal menos rigorosa torna o tripé capenga ao forçar o aumento de juros e, com isso, uma taxa de câmbio mais valorizada", diz.

Segundo Paulo Rabello de Castro, doutor em Economia e conselheiro de empresas, lidar com a degradação do panorama externo será o primeiro grande desafio da presidente Dilma. "Lula somente se preocupou com isso a partir de 2008, quando estava na metade de seu segundo mandato. Lidar com as expectativas do público será o segundo desafio de Dilma. Com sua oratória propositadamente improvisada, o presidente Lula se apropriou de tudo que

"A manutenção da política fiscal expansionista, mesmo após o Brasil ter emergido da crise, e a declaração recente do ministro da Fazenda, Guido Mantega, que disse não haver relação entre controle do gasto público e o nível de juros no País, alimentam esses questionamentos. Uma política fiscal menos rigorosa torna o tripé capenga ao forçar o aumento de juros e, com isso, uma taxa de câmbio mais valorizada"

Ilán Goldfajn
(Itaú Unibanco)



emergia de bom a partir da estabilização da moeda, como nunca ocorrido anteriormente no discurso político de um presidente brasileiro”, comenta.

Dilma precisará administrar a expansão do crédito já em curva descendente, a elevação do gasto corrente e os aumentos reais de salários. “Ela enfrentará uma inversão de expectativa. Para lidar com isso, não bastará repetir a política do ‘feijão com arroz’ nem vir com aquela conversa de Copa do Mundo e Olimpíada. O rumo da prosa terá de envolver matérias substanciais, que deixem a marca da administração voltada para o novo e para o futuro”, ressalta Paulo Rabello.

É fato que a presidente Dilma recebe um governo muito melhor do que Lula recebeu. “A diferença é que Lula assumiu o governo quando vinha ventania de popa. Já Dilma o receberá com ventania de proa”, diz o economista e ex-ministro da Fazenda, da Agricultura e do Planejamento Antônio Delfim Netto.

Para ele, a ajuda que o crescimento da economia mundial deu ao período Lula está terminando ou já terminou. Neste novo cenário, a nova presidente precisará de muito mais força do mercado interno se quiser manter seu ritmo de crescimento para continuar a distribuir renda. “Em 2030, o Brasil precisará dar emprego de boa qualidade a 150 milhões de pessoas com idades entre 15 e 65 anos. E isso não será feito exportando alimentos e minerais. Por mais complexas que sejam essas cadeias, precisa-se de uma economia de serviços e industrial muito mais competitiva. Competição é o nome do jogo”, assevera.

Perspectivas políticas

Além da instabilidade econômica mundial, o Brasil passará por uma mudança de seus governantes federais, estaduais e do



Perspectivas políticas e econômicas para 2011

Wagner Mar, presidente da Audimar Consultoria Empresarial

“Acredito que o novo governo manterá, ao menos neste primeiro ano, rigorosamente a mesma política adotada pelo presidente Lula. No entanto, creio que haverá marcantes alterações ao final do primeiro ano do mandato por duas razões específicas. Primeiro, Dilma não conseguirá manter a mesma ascendência aos partidos políticos que Lula possui, o que poderá levar a confrontos de várias naturezas; segundo, as condições econômicas nos principais países desenvolvidos não será tão favorável, o que refletirá em nossa economia interna, levando fatalmente a pressões para alterações no rumo das políticas vigentes. Em relação à minha área de atuação – prestação de serviços de auditoria e consultoria empresarial –, acredito que esta deverá se manter sem grandes alterações, tanto na carteira de clientes quanto no faturamento.”

Maílson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda e sócio da Tendências Consultoria Integrada

“Se visto da pobreza das ações em prol do crescimento futuro, o resultado dos dois mandatos de governo Lula é medíocre. Ele pouco fez para combater as deficiências estruturais da economia, embora contasse com elevada popularidade e ambiente econômico favorável. Contudo, se levamos em conta que ele bloqueou as desastrosas ideias econômicas de seu partido, o Brasil lhe fica devendo muito. Fruto de uma extraordinária intuição, ele percebeu os riscos da ruptura na política econômica. Isso exigiu capacidade de renúncia a velhos ideais e habilidade para lidar com a decepção de seus companheiros. O êxito de Lula não decorreu apenas da manutenção da política econômica e da sorte advinda da forte expansão da economia mundial. A ele se deve também a consolidação e ampliação dos programas sociais da era FHC. Lula deixou o governo sem realizar as grandes reformas de que carece o País. A concessão de estradas federais esperou sete anos; a rigidez orçamentária piorou com a elevação dos gastos de pessoal e os aumentos insustentáveis dos benefícios previdenciários; o aparelhamento piorou as ineficiências do Estado. Os maus resultados estão aí. Períodos de forte crescimento resultam geralmente de mudanças passadas. Lula se beneficiou das ações de outros governos, mas pouco plantou para futuras colheitas. Mesmo assim, é positiva a comparação entre o que não fez e o que evitou que se fizesse. As conquistas estão preservadas.”



“Dilma, certamente, não terá a popularidade de Lula e pode até se desgastar no primeiro ano de governo, dependendo da intensidade do ajuste fiscal que pretende fazer. Certo grau de desgaste pode também ocorrer em razão de sua inexperiência – ou de certo autoritarismo que lhe é atribuído – no relacionamento com o Congresso. Mas, por enquanto, tudo isso é apenas especulação”

Bolívar Lamounier
(Augurium Consultoria)

Legislativo no novo ano, e haverá, ainda, a adoção de novas políticas, principalmente na área econômica, que gerarão expectativas – tanto positivas quanto negativas – daqueles que acompanham os cenários nacional e internacional. “A linha geral da política econômica do governo Dilma será similar à do governo Lula que, por sua vez, foi similar à do governo Fernando Henrique, e isto é ótimo. O Brasil se tornou um país mais previsível, onde as instituições estão mais sólidas e as mudanças presidenciais significam apenas pequenos ajustes de política econômica e não grandes mudanças de rumo, como ocorria no passado”, aponta Amorim.

Com opinião similar, Bolívar Lamounier, sócio-diretor da Augurium Consultoria, declara que a presidente Dilma Rousseff não deverá ter problemas de governabilidade. “Graças à aliança PMDB-PT e ao apoio de partidos menores, a presidente Dilma terá ampla maioria tanto na Câmara quanto no Senado. Cabe a ressalva de que as propostas legislativas dela ainda não são conhecidas, portanto, não sabemos se será uma agenda conflituosa, de difícil digestão pelo Congresso, mas, em princípio, ela tem a governabilidade assegurada. Dilma, certamente, não terá a popularidade de Lula e pode até se desgastar no primeiro ano de governo, dependendo da intensidade do ajuste fiscal que pretende fazer. Certo grau de desgaste pode também ocorrer em razão de sua inexperiência – ou de certo autoritarismo que



"Nos dois últimos anos do governo Lula, a situação fiscal piorou rapidamente, associada a algo lamentável, como foi a destruição sistemática de princípios, valores, normas e códigos que o Brasil tinha construído nos últimos anos e que geraram um sistema fiscal transparente e previsível"

Maílson da Nóbrega
(ex-ministro/Tendências Consultoria Integrada)

lhe é atribuído – no relacionamento com o Congresso. Mas, por enquanto, tudo isso é apenas especulação. Dúvidas desse tipo somente irão se esclarecer quando ela começar de fato a governar”, opina.

Segundo Maílson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda e sócio da Tendências Consultoria Integrada, a questão fiscal será um dos principais desafios que o governo Dilma enfrentará. “Nos dois últimos anos do governo Lula, a situação fiscal piorou rapidamente, associada a algo lamentável, como foi a destruição sistemática de princípios, valores, normas e códigos que o Brasil tinha construído nos últimos anos e que geraram um sistema fiscal transparente e

previsível”, afirma Nóbrega. “Esse governo chegou ao ponto inacreditável de construir riqueza aumentando a dívida, o que é inédito no mundo.”

Para ele, o governo Dilma tem uma dupla missão fiscal: cortar gastos e restabelecer as regras transparentes do superávit primário.

De acordo com Alexandre Schwartzman, economista-chefe do Grupo Santander Brasil e ex-diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, “a prioridade do novo governo deve ser atacar de forma mais séria a questão fiscal, uma vez que o Brasil tributa muito e gasta muito, se comparado com países que possuem renda *per capita* parecida. Praticamente metade do crescimento do PIB ocorrido de 1994 para cá foi absorvido por impostos”, ressalta. “A meu ver, a chance de ocorrer uma reforma ampla no setor tributário é mínima, uma vez que esse tipo de trabalho acaba esbarrando em uma série de resistências. Porém, existe uma ideia que já está mais ou menos pronta, que é de tentar atacar os impostos de valor agregado, como ICMS, PIS, Cofins e IPI. A mera simplificação desses processos já traria um ganho enorme para o País.”

Schwartzman vê com reservas o papel que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) está assumindo e avalia que a economia brasileira já está madura para reduzir a meta de inflação. “A valorização do real é o preço do sucesso da economia brasileira e os

"A prioridade do novo governo deve ser atacar de forma mais séria a questão fiscal, uma vez que o Brasil tributa muito e gasta muito, se comparado com países que possuem renda *per capita* parecida. Praticamente metade do crescimento do PIB ocorrido de 1994 para cá foi absorvido por impostos"

Alexandre Schwartzman
(Grupo Santander Brasil)



"Em 2030, o Brasil precisará dar emprego de boa qualidade a 150 milhões de pessoas com idades entre 15 e 65 anos. E isso não será feito exportando alimentos e minerais. Por mais complexas que sejam essas cadeias, precisa-se de uma economia de serviços e industrial muito mais competitiva. Competição é o nome do jogo"

Delfim Netto
(ex-ministro/economista)

empresários, em vez de ficarem criticando o câmbio, deveriam brigar pela Reforma Tributária. O jeito mais fácil de desvalorizar o câmbio é o governo baixar drasticamente o nível do gasto público, reduzindo enormemente a demanda. Com isso, a inflação ficará abaixo do centro da meta, permitindo que o Banco Central diminua os juros, o que aliviará o câmbio", ensina.

Para Claudio Salce, CEO da Papyrus Indústria de Papel, o cenário é positivo para 2011, ressaltando-se alguns ajustes, como o ocorrido com a recente resolução do Banco Central que modifica regras de crédito e contém efeitos pontuais. "Entretanto, o governo, sob gestão da presidente Dilma, necessita olhar para o futuro e ter em conta que o País deve tomar sérias medidas no campo das tão propaladas e necessárias reformas políticas, trabalhistas e tributárias, as quais são de suma importância para o Brasil e contribuirão com o equilíbrio econômico, de tal forma que reflitam na melhoria da competitividade dos produtos brasileiros, em especial dos manufaturados", pontua.

Na opinião de Vilson Simon, diretor-presidente da Intervet/Schering-Plough Ani-



Perspectivas políticas e econômicas para 2011

José Marcelino Ridsen, diretor-presidente da Berkley International do Brasil

"Minha perspectiva em relação ao novo governo é positiva. Vejo que a continuidade dos princípios básicos sobre qual tipo de país queremos e como fazer para conquistá-lo tem se mantido desde 1994. Isso tem permitido ao Brasil avançar e melhorar muito sua imagem internacional. Acredito que a presidente Dilma continuará nesta mesma direção."

Gustavo Henrich, diretor técnico da J. Malucelli Seguradora

"Com a provável manutenção da política econômica, acredito que o Brasil continuará experimentando fortes investimentos em infraestrutura relacionados aos grandes projetos que temos pela frente, como as obras do Pré-Sal, Trem de Alta Velocidade, Copa do Mundo, Jogos Olímpicos, projeto Minha Casa Minha Vida, entre outros. Isso deve proporcionar ao mercado de garantias a continuidade do forte crescimento que vem ocorrendo desde 2007. Por parte do governo, entendo que os maiores desafios serão promover a tão propagada reforma tributária, manter a inflação sob controle e combater os efeitos negativos proporcionados pela alta valorização de nossa moeda. Obviamente, também é necessária a correta aplicação dos recursos destinados aos setores em que nosso país é muito carente, como educação, segurança, saúde e infraestrutura."

Linomar Deroldo, diretor-presidente da Concessionária de Rodovias Tebe

"Por pertencerem ao mesmo partido, acredito que filosoficamente ambos têm como foco o desenvolvimento social. Porém, imagino que o governo Dilma será bastante diferente do governo Lula em sua condução. O governo Lula foi todo alicerçado na pessoa do presidente que, com seu carisma e habilidade negocial, deu o tom e o rumo de seu governo. Já Dilma não goza da mesma prerrogativa com a sombra e o peso do governo anterior com aprovação de mais de 80%. Assim, ela, como podemos ver na composição de seu ministério, terá que se compor politicamente e estrategicamente. Fica a dúvida se sua alardeada 'dureza' será um instrumento de superação de obstáculos ou de criação de dificuldades. Em relação à política econômica, hoje o Brasil tem uma estrutura muito forte. Para os próximos anos, acredito em um crescimento sustentado que se viabiliza sem a necessidade de uma pesada intervenção do governo."

Daniel Levy, diretor de Global Finance Services para a América Latina da Johnson & Johnson

"As perspectivas econômicas e de negócios para 2011 no Brasil são extremamente positivas. O mercado brasileiro atravessou o pior da crise sem sacrificar seus fundamentos econômicos e, em função disso, a recuperação foi mais rápida do que em outros mercados, o que se comprovou em 2010. Inflação sob controle, taxa de juros com tendências de queda, disponibilidade de crédito em todos os níveis são sinais que sustentam o ambiente de negócio das empresas. A perspectiva de outro aumento na classificação de risco do País pelas agências internacionais assim como um câmbio forte indicam o atual posicionamento do Brasil no mercado externo, porém, esse último se mostra um desafio do ponto de vista das exportações e da consolidação de centros de serviços. Em função de todo o exposto, espera-se um aumento geral do consumo e também de acessibilidade aos sistemas de saúde e medicamentos. Estamos confiantes que em 2011 o cenário se solidificará e os resultados do negócio refletirão esse bom momento."

mal Health, outra questão importante para o desenvolvimento do Brasil é o investimento em infraestrutura. “Dilma tem uma excelente oportunidade de entrar para a história do Brasil se ela focar em uma agenda estruturante nessa questão. Hoje, estamos muito próximos de um apagão de infraestrutura aeroportuária, estradas e armazenagem, para citar as mais importantes. Investimentos maciços nesse setor são geradores de empregos, contribuem para a redução dos efeitos do custo Brasil na pauta de custos logísticos e assim por diante, sem necessariamente precisar reduzir a distribuição de renda por meio do Bolsa Família. Aliás, uma agenda intensa de investimentos poderá reforçar ainda mais a distribuição de renda”, declara Simon.

Para Alexandre Di Miceli da Silveira, doutor em Economia e professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP), o governo tem chances de crescimento, mas para isso são necessárias algumas precauções. “O novo governo deve promover reformas fiscal e política, as quais podem levar a uma economia e um país mais saudáveis sob esse aspecto. Contudo, no geral, o governo tem, ainda, três pontos-chave a trabalhar a fim de acelerar a taxa de crescimento do Brasil: aprimoramento da educação, maior produtividade e diminuição do problema da violência”, explana.

Com a experiência de quem esteve no Palácio do Planalto durante oito anos,



Divulgação

"Dilma tem uma excelente oportunidade de entrar para a história do Brasil se ela focar em uma agenda estruturante nesta questão. Hoje, estamos muito próximos de um apagão de infraestrutura aeroportuária, estradas e armazenagem, para citar as mais importantes. Investimentos maciços nesse setor são geradores de empregos, contribuem para a redução dos efeitos do custo Brasil na pauta de custos logísticos e assim por diante"

Vilson Simon
(Intervet/Schering-Plough Animal Health)

o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso entende que a questão da liderança política será um dos maiores obstáculos para o governo de Dilma Rousseff. “É ilusão acreditar que ela poderá substituir o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva no desafio da liderança”, assegura. “Dilma terá de buscar suas melhores qualidades. O poder se exerce no dia a dia. Lula terá influência, mas influência eu também tenho, em grau diferente. Influência e poder são coisas distintas. Mas não tenho uma visão catastrofista. O próprio Estado tem capacidade de impedir grandes erros.”

Em relação à sua expectativa sobre o novo governo, FHC diz que, por enquanto,

é de reserva. “Há quatro anos, ninguém imaginaria que a Dilma seria candidata. Há poucos meses, ninguém diria que ela venceria. Alguma qualidade ela tem. A minha dúvida é sobre sua liderança política – não de dar ordem, mas de convencer. Ela tem mais experiência administrativa. Mas isso não basta.”

Visibilidade internacional do Brasil

A visibilidade brasileira aumentou em 2010 em função da melhora do desempenho econômico do País. Como a economia brasileira deve continuar entre as de maior crescimento no mundo, seguindo China e Índia, e o impacto que a emergência desses dois países tem na ordem econômica mundial, o Brasil deve continuar a ganhar importância geopolítica. “Há décadas, ouve-se dizer que o Brasil é o país do futuro. De repente, esse futuro está efetivamente chegando. Entre 1900 e 1979, o Brasil havia sustentado crescimento médio de 7% ao ano. Daí veio a história de ‘país do futuro’. Se tivéssemos mantido o mesmo ritmo de crescimento nas três décadas seguintes, hoje os brasileiros seriam mais ricos que franceses, italianos e ingleses e o País seria muito mais poderoso. Só que não foi exatamente isso que aconteceu; muito pelo contrário. Entre 1980 e 2003, nossa média de crescimento despencou para 2,6% ao ano. Esse período corresponde aos 24 anos que chamo de ‘geração perdida’. De lá para cá, nosso

"No geral, o governo tem ainda três pontos-chave a trabalhar a fim de acelerar a taxa de crescimento do Brasil: aprimoramento da educação, maior produtividade e diminuição do problema da violência"

Alexandre Di Miceli da Silveira
(FEA-USP)



Divulgação

crescimento dobrou para 5,3% ao ano. Acredito que sustentaremos uma média de crescimento próxima a essa nas duas décadas seguintes, tornando o Brasil um dos principais mercados do Planeta na maioria dos setores, inclusive no setor financeiro. Até 2007, não havia nenhum banco brasileiro entre os 25 mais valiosos do mundo. Hoje, temos quatro – dois deles entre os dez mais valiosos”, declara Amorim.

Além disso, em 2010, o Brasil se tornou mais diplomático e, por meio da intervenção no polêmico programa nuclear iraniano, vem ganhando novo impulso com a assinatura do acordo de troca de urânio. Tanto estrangeiros quanto brasileiros acreditam que o Brasil precisa se envolver com grandes questões internacionais se quiser conquistar peso e relevância no cenário político mundial, mas dizem que o histórico do Irã não favorece o cumprimento do acordo que prevê a troca de urânio em território da Turquia.

De acordo com o professor da FEA-USP Alexandre di Miceli, essas questões favoreceram o Brasil estar tão bem no cenário internacional como nunca esteve. “Entretanto, a manutenção dessa boa imagem dependerá de uma política econômica prudente, do aumento da competição no mercado empresarial e da realização de reformas. Espero principalmente, portanto, que a nova presidente mantenha o equilíbrio macroeconômico, evite a tentação de aumentar o peso estatal no mercado de capitais, via bancos e empresas estatais, evite conceder privilégios a determinadas empresas brasileiras para que se tornem maiores – escolha dos ‘vencedores nacionais’ – e consiga realizar as necessárias reformas. Para isso, boa capacidade de negociação e liderança serão os atributos fundamentais”, pontua.

Para Lamounier, a visibilidade internacional do Brasil é de fato muito grande, mas não é inequivocamente positiva. “Na questão dos direitos humanos e no que se refere ao Irã, o Brasil de Lula se notabilizou por erros crassos. A reorientação de nossa política externa no tocante a esses pontos é, portanto, imprescindível, mas a manutenção do professor Marco Aurélio Garcia na assessoria internacional da Presidência sugere que tal reorientação ainda não foi plenamente decidida”, aponta. ■



"Dilma terá de buscar suas melhores qualidades. O poder se exerce no dia a dia. Lula terá influência, mas influência eu também tenho, em grau diferente. Influência e poder são coisas distintas. Mas não tenho uma visão catastrofista. O próprio Estado tem capacidade de impedir grandes erros"

Fernando Henrique Cardoso
(ex-presidente da República)

Perspectivas políticas e econômicas para 2011

Alexandre Di Miceli da Silveira, doutor em Economia, Ph.D. em Finanças e professor da FEA-USP

“O ano de 2011, para o mercado de capitais, continuará promissor. Acredito que aproximadamente 15 empresas por ano continuarão fazendo seus IPOs na bolsa e que o mercado de debêntures também poderá aumentar bastante caso as iniciativas da BM&FBovespa e Anbima para lhe assegurar maior liquidez realmente decolem. Acredito, também, que continuará havendo aumento na bolsa de valores de empresas com estruturas de propriedade (base acionária) mais dispersas, com grupos de diferentes acionistas exercendo o chamado controle minoritário. Logo, a tendência é de manutenção da diminuição gradual da concentração acionária na bolsa de valores, com redução do peso de controladores isolados e, conseqüentemente, das empresas familiares. Fundos de *private equity* e fundos de pensão devem continuar a aumentar seu peso em bolsa, tornando-se cada vez mais acionistas relevantes de boa parte das empresas listadas. Entretanto, não sou muito otimista quanto a mudanças positivamente radicais na adoção das boas práticas de governança. Acredito que, nos próximos anos, o Brasil continuará a desejar em termos de qualidade das práticas de governança de suas empresas, pela simples razão de que há pouca pressão em função do bom comportamento macroeconômico do País e do baixo interesse dos investidores institucionais por práticas exemplares de governança em suas empresas até o momento. Em resumo, acho que nosso mercado de capitais continuará a evoluir e manter sua posição de ‘janela aberta’ para boas empresas e projetos desejosos de captar recursos de longo prazo a taxas competitivas, mas não acredito que haverá mudanças substanciais positivas nas práticas de governança das empresas nos próximos quatro anos.”

Marcelo Smarrito, sócio da InvestPartner Investimentos

“Ainda bem que o Brasil está na moda. Somos o emergente de maior *up side* para investimentos estrangeiros e, em minha opinião, o mais simpático. Segurar a demanda e controlar os gastos públicos serão os seus grandes desafios do novo governo. Ou seja, uma perseguição obsessiva por uma inflação baixa nos trará como consequência taxas de juros altas e controle de gastos públicos como necessidade básica. Tudo isso corroborando para um dólar barato complicando um pouco a vida dos exportadores. Espera-se que Dilma mantenha o discurso positivista em relação ao nosso futuro, pois os anos de 2014 e 2016 são dois marcos que ajudarão nossa líder a posicionar seu ‘produto Brasil’ no cenário mundial. Que ela o faça sem desperdícios e respeitando os fundamentos.”